

A eternidade e o desejo: hibridação e deslocamento

Débora da Silva Chaves Gonçalves¹

Resumo: A pós-modernidade pode ser entendida como a condição sociocultural em que se encontra o mundo contemporâneo, diante das crises ideológicas que dominam o nosso século; o seu conceito tornou-se um dos mais discutidos nas questões relativas à arte, à literatura ou à teoria social. Diante dessas discussões, propomos uma abordagem crítica e cultural que torne possível o diálogo entre os conceitos que informam essa hibridação, ressaltando as principais manifestações capazes de traduzir a relevância dos deslocamentos e, para isso, usamos textos relacionados à crítica da cultura, aplicando suas ideias ao romance **A eternidade e o desejo** (2008), de Inês Pedrosa.

Palavras-chave: Literatura; Cultura; Hibridação; Deslocamentos.

The eternity and desire: hybridization and displacements

Abstract: The postmodernism can be understood as the socio-cultural condition in which it is the contemporary world, given the ideological crises that dominated our

¹ Mestra em Letras: Linguagens e Representações/ UESC. Professora de Literatura PARFOR/UESC.

century, where the concept has become one of the most discussed issues relating to art, literature or social theory. Before these discussions, we propose a critical approach that makes it possible and cultural dialogue between the concepts that inform this hybridization, highlighting the main events, able to translate the relevance of the displacements, and for this we will use texts related to cultural criticism, applying their novel ideas to **Eternity and desire** (2008, Inês Pedrosa).

Keywords: Literature; Culture; Hybridization; Displacements.

Pensar a cultura contemporânea envolve não apenas a materialidade do urbano, as ruas, edifícios, cimento e pedras, mas, também, as maneiras como o sujeito é representado e imaginado dentro de um mapeamento amplo e fluido desse espaço.

A pós-modernidade lança mão de novos conceitos de cosmopolitismo e cultura urbana para exprimir a constante remissão ao descentramento da vida urbana e da cultura contemporânea, evidencializando a globalização em diversas esferas da sociedade.

É na “mistura” dessas esferas sociais que surge a hibridação como um processo de mutação; lugares onde a diversidade se multiplica a cada instante reproduzindo transformações no cenário urbano e dando formas aos espaços antes não transitados.

A hibridação traz como ponto de significação a interpretação do sujeito como um “homem traduzido”, ou seja, não existe mais uma identidade centrada, única. O que pode ser visto hoje é uma multiplicidade de

características que compõem esse sujeito, fragmentando-o e transformando-o conforme as necessidades do espaço em que ele habita.

Sobre a hibridação

Segundo Stuart Hall (2005), essa hibridação é o resultado de diferentes tradições culturais, que são uma poderosa fonte de criatividade e produção de novas culturas; mas essas hibridações também contestam as velhas identidades e produzem uma nova consciência, que pode acarretar em alguns perigos para a construção identitária do sujeito.

A mídia também auxilia no processo e na valorização dessa hibridação e serve como instrumento para veiculação das políticas da diferença e da subalternidade, prestando-se como um canal de expressão, que coloca a cultura como a própria representação do sujeito híbrido e de suas expectativas de valorização.

Essa valorização, refletida no multiculturalismo, desestabiliza a força centralizadora das metrópoles modernas criando uma tensão entre modernismo e barbárie, entre *hightech* e pobreza.

Para Canclini (1998), a hibridação, como processo de intersecção e transações, torna possível que essa multiculturalidade evite o descaso com as minorias e possa se converter em interculturalidade. Afirma ainda que a hibridação é um processo sociocultural em que estruturas e práticas discretas que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, novos objetos e diversas práticas (CANCLINI, p. 62).

O terreno para elaboração de estratégias de subjetivação, oferecido pelos Estudos Culturais, para a formação identitária de um sujeito, nasce a partir dos novos signos de identidade, absorvidos através dessa hibridação, traduzido como posto de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABHA, 2007).

Bhabha discute as minorias como categorias não monolíticas ou fixas, salientando que os embates de fronteira acerca da diferença cultural podem ser consensuais ou conflituosos, confundindo as noções de tradicional e moderno, público e privado, alto e baixo, etc. e, desse modo, mostra a possibilidade de um hibridismo cultural acolhedor da diferença, sem uma hierarquia suposta ou imposta.

Mapeando o deslocamento

O deslocamento, por sua vez, funciona como o *lugar de passagem* desse sujeito híbrido em constante movimento. Enquanto esse sujeito se utiliza dos lugares (cenários e espaços) para construir sua identidade cultural, os deslocamentos vão dando forma a esses lugares como um objeto estruturador desse sujeito. São neles e através deles que o sujeito percebe suas transformações e aponta para um avanço ou para um regresso, de acordo com seus interesses em determinado momento.

Os deslocamentos são como pontes de acesso para a interação desse sujeito com o mundo à sua volta. É nesse constante movimento que ele encontra resíduos

de sua vida, sua história, a memória do seu passado, do seu construto. Esses resíduos funcionam como marcas que possibilitarão a elaboração da individualidade desse sujeito. Nesses mesmos deslocamentos estão as respostas para muitos dos questionamentos humanos, pois, cada vez que nos deslocamos, seguimos em busca de alguma solução ou de alguma contribuição para a construção da nossa identidade.

Construímos algo que se confunde com a nossa própria história, mas não apenas levamos conhecimento, como também somamos e adquirimos novos conhecimentos. Nenhum sujeito se desloca no tempo e no espaço, sem que leve um pouco de si e traga um pouco do outro. Segundo Martin-Barbero (2000), o deslocamento está carregado de memória, de história, de construções. Esse movimento reafirma a condição de instabilidade e, cada vez que ele é proposto, cria uma nova experiência de lugar e de cultura.

Não há como o sujeito realizar um deslocamento sem que isso interfira completamente no seu mundo, nas suas trocas, no seu construto identitário. Não há como um deslocamento não provocar uma mudança repentina nas atitudes e na maneira de pensar de um sujeito. Não há como o deslocamento passar despercebido na vida de um sujeito.

Os deslocamentos podem ser divididos em duas partes: real e ficcional. O deslocamento real estaria sendo representado na viagem; no processo realizado através do trânsito físico de um lugar para outro; no trânsito físico dentro dos espaços de uma cidade ou de um shopping, ou mesmo uma cidade para outra. Esse deslocamento físico cria uma espécie de necessidade de

registro. A experiência do deslocamento conduz o sujeito a registrar sua andança, seus passos, seus movimentos, seja através de impressões escritas (anotações), seja através de fotografias, músicas, poesias, etc. Há sempre um entusiasmo sobre aquilo que se vai encontrar no novo espaço; há sempre uma perspectiva a respeito daquilo que se vai conhecer, conforme nos lembra Simões:

Independentemente do modo do deslocamento, desde os tempos mais remotos, é fato que os aspectos inerentes ao ato de viajar se mantêm: a curiosidade sobre o desconhecido, sobre o conhecimento do diferente, sobre a surpresa e o encantamento do que vai conhecer (2009, p.53).

Constatamos que o deslocamento traz juntamente consigo essa gama de sensações e expectativas; afinal, é nele que o sujeito vai encontrar aquilo que busca, até mesmo o que não sabe exatamente se está buscando, pois nos renovamos em todos esses movimentos e jamais somos os mesmos depois de uma nova experiência de trânsito. Quando nos colocamos em contato com novos espaços e com novas situações ganhamos sempre um pouco do novo e perdemos sempre um pouco mais de nós.

Os deslocamentos estão sendo postos, então, como a representação do trânsito que direciona o sujeito para o lugar (esse lugar antes apresentado), onde ele deseja estar/permanecer. São as estratégias de aprimoramento da construção, do imaginário, da criação de novos cenários e novos espaços. São as manifestações do desejo pessoal somado aos desejos coletivos.

Desse modo, esses deslocamentos podem

perfeitamente refletir o comportamento humano, que atende a uma demanda muito maior, responsável pela sua incapacidade de permanecer imóvel, diante de um universo em movimento. Seria impossível permanecer estável em meio a tantas movimentações e transformações, na qual somos submetidos e confrontados todo o tempo.

Não somente o sujeito se desloca, como também tudo o que está em sua volta parece sair do lugar. Seu passado se desloca; seu futuro, conseqüentemente, se desloca, sua personalidade se desloca; o outro se desloca. Com isso, o deslocamento é um transportar-se para onde não se espera, não se sabe, não se busca e não se é esperado. É uma transferência de um lugar para outro quer seja como um gesto físico, forçado ou não, quer seja como um movimento imaginado, desejado, desconhecido dos limites naturais.

Sendo assim, estar entre o lugar e o deslocamento, é estar em um “lugar possível”, em um “lugar nenhum”, é estar ao mesmo tempo em “todos os lugares”. Com isso, o que se apresenta é um lugar de movimento, ao qual Homi Bhabha (2007) confere o nome de “entre-lugar”.

Algumas vezes este “entre-lugar” está totalmente relacionado ao momento de trânsito, em que o espaço e o tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade (BHABHA, 2007), em outros momentos, ele está relacionado ao que já se viveu e o que ainda se há de viver. Esse momento de trânsito cria uma forma indefinida, resultante dessas fusões (espaço/tempo) que tenta exprimir, de maneira complexa, um lugar de instabilidade do sujeito ao tentar construir sua identidade baseada em reparos e em sentidos autênticos

que são reproduzidos em perspectivas ligadas ao trânsito cultural.

Esses reparos seguem unificando as culturas, somando-as e completando-as a fim de, como resultado, propor um novo olhar sobre as formas de experimentar o horizonte verdadeiro que se aproxima de uma estratégia de deter o poder sobre os fatos, sobre as pessoas, sobre a vida e, dessa forma, alcançar uma transposição de fronteiras existentes entre o passado, o presente e o futuro (ANDERSON, 2008). Diante dessa observação, é possível destacar uma representação, ou seja, uma nova apresentação, em forma de atitudes, que pode trazer à visibilidade fatores que se juntam para traduzir esses fenômenos de instabilidade ora apresentados, expressos em gestos, palavras e demais formas de interpretação do sujeito (BHABHA, 2007).

Em outro momento, a imagem configurada para o *“entre-lugar”* pode estar representada na soma dessas culturas, de modo que, ao se agregarem experiências e se fundirem as apreensões de vida do sujeito, essas experiências se fundem num movimento hegemônico para formar uma nova estrutura do sujeito que, embora fragmentado, atende às demandas do novo mundo, de um novo significado de mundo.

O *“entre-lugar”*, portanto, é o resultado dessas fusões, bem como, é também as complexidades dessas fusões, pois é nele que se realiza a transformação encontrada no movimento e no trânsito que se configurará em uma nova perspectiva de vida e de formação de identidade para um sujeito rascunhado e rasurado pela pós-modernidade (SARLO, 1997).

Construção identitária

Embora a identidade do sujeito esteja sempre em movimento e em constante transformação, ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e resolvida, na forma de um resultado da imaginação que se tem a partir do olhar externo de si e assim forma uma origem contraditória dessa identidade (HALL, 2005).

Para construir essa identidade, o sujeito parte do global para o local, pois, desse modo, ele estimula gradualmente os valores e as identidades mais universalistas e cosmopolitas ou internacionais, que associam os apegos irracionais ao local e ao particular, à tradição, aos mitos nacionais, substituindo-as.

No momento em que a perspectiva parte do universalismo, ou mesmo quando parte do local como identificação, essa construção identitária torna-se uma espécie de resposta para um encontro que legitime a identidade ou a própria cultura desse sujeito.

Bhabha afirma que:

A questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia *autocumpridora* – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isto é, ser *para* um Outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. A identificação... é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem (2007, p. 77).

É o Outro que prova o desejo do ser. Por isso o Outro é o verdadeiro dado inicial e não o sujeito.

Para Hommi Bhabha, a diferença de outras culturas diverge do excesso de significação, do traço ou da trajetória do desejo, e essas são estratégias necessárias para combater o “etnocentrismo”, mas não podem, a partir de si mesmas, não reorganizadas, representar essa identificação. Sobre isso ele ainda afirma que é na ambivalência do uso do “diferente” - ser diferente daqueles que são diferentes faz de você o mesmo – que o inconsciente fala da forma da alteridade, a sombra amarrada do adiantamento e do deslocamento.

A eternidade e o desejo: diálogos de hibridação e deslocamentos

O romance **A eternidade e o desejo**, publicado em 2008, foi escrito durante uma viagem que a escritora portuguesa Inês Pedrosa fez ao Brasil em 2005. Nele, os personagens percorrem os mesmos lugares visitados pelo jesuíta Antônio Vieira, no século XVII, e o cenário principal dessa história é a cidade de Salvador, na Bahia.

O livro conta a história de Clara, uma professora universitária, que vem ao Brasil acompanhada do amigo Sebastião, com a intenção de retornar à Bahia, onde há tempos, havia perdido a visão durante um assalto – ao tentar salvar das balas de revólver o homem a quem amava, ela levou um tiro que a deixou cega. Juntos, Clara e Sebastião se deslocam dentro dos espaços da cidade, visitam lugares, percorrem os mercados, o pelourinho, encantam-se pelo candomblé e pelos orixás,

sempre guiados pelos textos do Padre Antônio Vieira.

Um dos motivos de Clara querer vir ao Brasil baseava-se no desejo de fugir do sentimento de pena que a cercava em Portugal, pelo fato de ela estar cega. Também desejava fugir do amor que Sebastião mantinha por ela, apesar de sempre o tratar como amigo, deixando claro que só queria amizade dele.

Em terras brasileira, Clara desejava começar uma nova história e entender um pouco mais sobre o amor e suas consequências; para isso, ela se configura em um sujeito híbrido, modificada pela cultura local, através de deslocamentos e construções identitárias. Conhece Emanuel, homem marcado pela dor da perda de um filho de dois anos e ao seu lado descobre que ainda é capaz de sentir desejo e paixão:

É verdade que o amor cega, paralisa, entorpece – mas apenas para tudo o que não é o amor. E tudo o que não é o amor é o mal do mundo. Não vale nada (PEDROSA, 2008, p. 20).

O deslocamento da personagem Clara nos revela o confronto entre o ser e o estar: uma parte dela é a mulher cega, penalizada pelo mundo, que sofre pelo fato de estar presa a um passado e a uma história sem fim; por outro lado, ela está em um lugar de oposição a tudo isso, como quando se apresenta como alguém capaz de ver além dos olhos conforme o trecho a seguir.

As palavras não têm cor – por isso permanecem quando as cores desmaiam. Percebo o teu aturdimento: como se traduz a visão? Como se emprestam os olhos? Impossível. Ainda por

cima num aeroporto, onde tudo é movimento; o movimento entorpece o acontecer das coisas (PEDROSA, 2008, p. 13).

Nesse trecho, a personagem Clara está no aeroporto com o seu amigo Sebastião a espera do embarque e começa a perceber as coisas a sua volta por meio da audição. Ou seja, os deslocamentos realizados por ela se iniciam na movimentação que faz com o ouvido para tentar enxergar o mundo a sua volta; ao declarar “as palavras não têm cor” ela diz que é difícil traduzir aquilo que se representa na visão, quando não se pode usar os olhos para ver efetivamente.

Ao se deslocar para o Brasil, Clara se permite viver e experimentar situações que somente são possíveis pelo fato de ela não ter a visão. Quando é necessário enxergar além daquilo que os seus olhos poderiam ver, perceber e entender. Há uma multiplicidade de identidades assumidas pela personagem que a faz conquistar um espaço dentro da narrativa muito mais amplo do que simplesmente “uma moça cega viajando a turismo”.

Ora, se os deslocamentos são como pontes de acesso para a interação desse sujeito com o mundo à sua volta, logo Clara vai se familiarizando com os lugares transitados e reconhecendo neles, a esperança e a motivação de que precisava para sentir-se feliz. Desse modo, não é somente ela quem se desloca, mas tudo o que está em sua volta vai saindo do lugar e assumindo novos lugares.

O passado de Clara é deslocado para o presente no instante em que ela relembra os momentos vividos com o seu antigo Antônio (o namorado morto em Salvador

durante o assalto), ao ponto de assumir que o amor ao Padre Antônio Vieira o colocou em sua vida.

Eu queria ficar para sempre com aquele homem. Chamava-se Antônio, como o meu Padre, sim. Um nome vulgar. No fim da primeira noite, ainda na cama, leu-me poemas de Ana Cristina César, um livro que trago sempre comigo: *A Teus Pés*. É estúpido trazer o livro comigo, como algumas pessoas transportam as fotografias dos maridos, dos filhos. Eu não me separo deste livro que já não posso ler, porque ele me deu, porque é a única coisa que me resta (PEDROSA, 2008, p. 45).

O conhecimento de Clara é deslocado, pois ela recria similaridades para os passos percorridos pelo Padre Antônio Vieira e se baseia nisso para construir um itinerário, para construir um roteiro por onde gostaria de iniciar sua viagem. Clara também desloca seu futuro, pois, ao encontrar um novo amor, resolve permanecer no Brasil, abrindo mão de suas crenças, de seus projetos e de sua amizade sincera com Sebastião, que continua a viagem sem ela.

Essa é a chave principal, a peça central de um grande quebra-cabeça que está sendo descortinado. Há um desvio de atenção no que se refere à impossibilidade de o sujeito captar um sentido próprio, fixo ou mesmo uma presença por meio da ausência, que se apresenta no fato de estar nesse deslocamento constante, o que mostra que também está em uma constante e incessante busca por alguma coisa.

Ao decidir pelo amor de Emanuel, Clara se permite

viver uma nova configuração humana, híbrida, passível de assumir características que ela mesma não sabia que poderia ser capaz de se traduzir. Descobre uma personalidade forte, segura, que está por trás dos olhos que não enxergam, e que se modifica a cada deslocamento para formar novas possibilidades e novos caminhos:

Um dia desiste-se das cores, da insidiosa sutileza das cores. Desiste-se de se fazer de conta que se vive como os outros. Então declina-se a cegueira como revolução, porta de passagem para um outro mundo, a começar do zero. E falha-se, como falham as revoluções, suicidadas por essa arrogância ingrata que sofisticamos em candura. Falha-se, porque ninguém pode, nem verdadeiramente quer começar do zero. Que zero é o zero? O zero da pedra, o zero do Jardim do Éden com as suas maçãs biológicas e as suas serpentes conversadeiras? (PEDROSA, 2008, p.131).

A fim de estabelecer uma relação pacífica e construtiva com os diferentes, o sujeito começa a vislumbrar no outro o desejo por conhecer a si mesmo, buscando uma identificação e uma diferença capazes de traduzir o seu Eu e, assim, sublinhar uma alteridade na medida em que se identifica com o contrário.

Desse modo, a personagem desloca-se e modifica-se; sua personalidade também se desloca; o outro se desloca; e com isso, o deslocamento é um transportar-se para onde não se espera, não se sabe, não se busca e não se é esperado.

Referências

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.**

Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBERO, Jesus-Martin. **Dos meios às mediações.** Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2003.

BHABA, Homi. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG Editora, 2005.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas.** São Paulo, Edusp, 1998. .

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

PEDROSA, Inês. **A eternidade e o desejo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina.** Tradução Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Identidade cultural e turismo: a literatura como agenciadora de trânsitos. In: CAMARGO, P.; DA CRUZ, Gustavo (Orgs). **Turismo Cultural: Estratégias, Sustentabilidades e Tendências.** Ilhéus: Editus, 2009. p.49 – 58.

